



A ESCOLA E AS DESCOBERTAS: lembranças de alfabetização

Diana Lusa¹

Eixo temático: 2. Alfabetização e história

Resumo: Cada qual é constituído do que foi, daquilo que viveu e das lembranças que guarda. Este trabalho é um recorte do estudo geral de tese que tem como objetivo geral *ensaiar uma sociologia da leitura local de São Domingos do Sul – RS a partir das histórias de leitura e escrita de mulheres professoras*. Neste recorte, foca nas recordações do período de alfabetização de dez interlocutoras empíricas, com o objetivo de compreender esse momento inicial do contato com a língua escrita que, para a maioria das professoras, aconteceu na escola. Das lembranças de alfabetização, é possível observar entre as interlocutoras quatro casos: uma delas teve um processo duro devido à rigidez do professor; outra, teve dificuldades no processo da aquisição da língua escrita; um grupo não lembra desta época ou recorda de algumas passagens, acreditando ter sido esse um tempo tranquilo; por fim, uma professora tem a clara lembrança da alfabetização com um tempo bom de recordar, lembrando do método e da professora. É possível ter como conclusões parciais que as lembranças afetivas permanecem; os afetos, positivos ou negativos permanecem na memória.

Palavras-chaves: Lembranças de alfabetização; professoras; escola; São Domingos do Sul.

Introdução

Cada qual é constituído do que foi, daquilo que viveu e das lembranças que guarda. Considerando esses pontos, estou desenvolvendo, no estudo de doutorado, uma pesquisa qualitativa, que tem como objetivo geral *ensaiar uma sociologia da leitura local de São Domingos do Sul – RS a partir das histórias de leitura e escrita de mulheres professoras*.

1Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Veranópolis. Contato: dianalusars@gmail.com

Por meio de entrevistas semiestruturadas, dez interlocutoras empíricas, professoras dos anos iniciais do ensino fundamental (cinco), de letras (três) e artes (duas) de uma escola estadual de São Domingos do Sul – RS, narram suas trajetórias de formação, suas experiências de leitura e escrita, desde a infância até a atuação docente. Neste trabalho faço um recorte do estudo geral da tese focando nas recordações do período de alfabetização das dez interlocutoras empíricas, com o objetivo de compreender esse momento inicial do contato com a língua escrita que, para a maioria das professoras, aconteceu na escola.

A proposta da pesquisa geral do doutorado foi aprovada pelo Comitê de Ética da universidade na qual estou matriculada no curso, no ano de 2022. Os nomes das professoras mencionados neste trabalho são nomes fictícios atribuídos às interlocutoras. O procedimento metodológico utilizado para a construção de dados foi a entrevista semiestruturada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34) com aberturas narrativas. Para a análise de dados, está sendo utilizada a análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016). As entrevistas aconteceram no município de São Domingos do Sul – RS, entre novembro de 2022 e janeiro de 2023. A pesquisa está em andamento, com previsão de término para o dezembro de 2024.

Das lembranças de alfabetização, é possível observar entre as interlocutoras quatro casos: uma delas teve um processo duro devido à rigidez do professor; outra teve dificuldades no processo da aquisição da língua escrita; um grupo não lembra desta época ou recorda de algumas passagens gerais e marcantes, acreditando ter sido esse um tempo tranquilo; por fim, uma professora tem a clara lembrança da alfabetização como um tempo bom de recordar, do método e da professora.

2 Fundamentação teórica

Todos nós temos lembranças de nossos tempos de escola, dos tempos de alfabetização. Algumas boas e encantadoras, outras, nem tanto. Graciliano Ramos compartilha, no livro *Infância*, um pouco da sua experiência, nada agradável, com a alfabetização e o quanto foi difícil para ele reconhecer as letras

Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes das primeiras e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio o terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de quiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituassem às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutesse. Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e

pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno. Resignei-me – e venci as malvadas. (RAMOS, 1953, p. 102).

O escritor, que viveu a vida a escrever, partilha como foi sofrido o processo, nada lúdico e pouco relacional em sua experiência, de aprender letras maiúsculas, minúsculas, símbolos até então desconhecidos e que pareciam desvinculados da fala, todos ao mesmo tempo. Mas o que nos dizem as lembranças de alfabetização, as histórias de alfabetização? A história serve para compreender, para não repetir equívocos do passado. Serve para construir um projeto consistente. Para nos darmos conta de que somos aquilo que fomos e também aquilo que seremos. Não é possível ignorar o passado; é necessário conhecê-lo para entender a evolução da alfabetização. Para compreender que a discussão sobre a alfabetização envolve também uma discussão política e que muitas propostas de alfabetização que se apresentam como novas, já foram consideradas inadequadas (MORTATTI, 2011).

Nas narrativas de cada interlocutora, busco perceber as *experiências* expressas. Experiência é o que nos atravessa, “[...] é o que nos passa, nos acontece, nos toca” (LARROSA, 2019, p. 18). Ao abordar a possibilidade de fazer uma experiência com a linguagem, Heidegger (2003, p. 121) afirma que “[...] fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e nos transforma”. **Fazer**, no sentido defendido por Heidegger (2003), não diz respeito a produzir a experiência, mas a sofrer, a receber, a deixar-se atravessar, a articular-se. Nesse sentido, neste recorte da pesquisa, o olhar é voltado às experiências, aos afetos que atravessaram cada interlocutora no período de sua alfabetização. Com isso, nuances da história também podem ser percebidos e compreendidos.

Neste estudo, quando falo em alfabetização, me refiro ao aprendizado da técnica de ler e de escrever, compartilhando a definição de Magda Soares de que a “*alfabetização* é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala” (SOARES, 2014, on-line). Para o conceito letramento, também compartilho a definição de Madga Soares (2014, on-line) como sendo “o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções.” Desta forma, neste recorte da pesquisa, é possível observar como o letramento emergente, ou seja, o “período que corresponde aos

relacionamentos iniciais, às vivências da criança com práticas letradas desde o nascimento” (SEMEGHINI-SIQUEIRA, 2011, p. 152) afetam o processo de alfabetização de cada interlocutora.

É importante considerar que as crianças – todas – desde sempre estão inseridas em uma sociedade grafocêntrica e já possuem algumas, ou muitas, referências de textos e usos da língua escrita, ainda que, dependendo de sua classe social, não tenha um convívio diário com livros e outros materiais/textos específicos destinados à infância, por exemplo. No caso das interlocutoras empíricas desta entrevista, que nasceram entre as décadas de 1950 e 1980 em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, o processo de letramento emergente foi bastante restrito em muitos casos, sendo a escola o local de encontro com livros e histórias para a maior parte do grupo entrevistado. No tópico seguinte, à luz do referencial teórico apresentado, a temática será desenvolvida a partir das narrativas das professoras.

3 Resultados e Discussão

Neste tópico serão apresentadas algumas descobertas das interlocutoras empíricas nos primeiros anos escolares: as memórias de alfabetização. Uma das interlocutoras, Ivone, teve um professor rígido em seu período de alfabetização, no primeiro ano. Esta professora entrevistada também foi alfabetizadora por alguns anos. Sobre as lembranças do tempo de alfabetização, Ivone diz: “Foi muito difícil. O professor dava castigo, assim. E ele não era muito... Ah, como é que eu vou te dizer... Ele não tinha uma didática. Ele falava errado.” (Ivone). A mãe de Ivone, com baixa escolaridade, lia muito; para a Ivone criança, era difícil ter um professor que trocava as letras das palavras, enquanto sua mãe, mulher simples e do lar, não o fazia. Ivone e seus colegas não tinha coragem de conversar com o professor devido à sua rigidez.

Quando foi professora, Ivone buscou alfabetizar com sentido, vendo as crianças como seres que constroem e aprendem na interação. Contou que antes de iniciar as aulas com a primeira turma, havia feito um curso com as propostas de Emília Ferreiro e, com isso buscou ensinar de uma forma que contemplasse o todo, o entendimento das crianças. Antes de iniciar a aula, no primeiro dia, passeava com as crianças pela escola (leitura do espaço), para depois, de volta à sala, escrever no quadro as palavras, as coisas que as crianças haviam visto pela escola, dando significado, já neste primeiro dia à escrita, como uma escrita viva, com sentido. “E daí era uma coisa mais gostosa de fazer. [...] Era diferente, era mais gostoso, entende? Não tinha nada xerocado, nada. A gente fazia, recortava” (Ivone).

As palavras de Ivone remetem à reflexão de Bartolomeu Campos de Queirós (2019, p. 98): “Há que se alfabetizar não somente escrevendo, juntando e separando letras. Há uma alfabetização para a escrita, uma alfabetização do tato, do olhar, ler e escrever tornam-se a coisa mais simples do mundo.” Afirma ainda o autor que “não é só a escola que alfabetiza. A presença da vida em nós nos faz leitores desde o nascimento” (QUEIRÓS, 2019, p. 68).

Para Damiane a alfabetização foi um tempo difícil, tempo de dificuldades. Sua fala sobre a época foi sucinta, a fala de uma história que talvez não seja boa de recordar ou de falar sobre:

Na verdade foi uma alfabetização difícil, assim. Não foi um processo fácil porque eu não fiz o Jardim da Infância. [...] O primeiro ano eu não frequentei. Daí eu fiquei dois anos no Pré. Então, como eu não fiz o Jardim, a professora, junto com a minha mãe, decidiram que eu ficaria dois anos no Pré. E depois o processo de alfabetização ali, ele não foi muito... Na verdade, ele não se consolidou ali na primeira série. Então eu já fui pro segundo ano com um pouquinho de dificuldade. (Damiane)

A professora ainda afirmou, encerrando a narrativa da própria história, que hoje era diferente, no sentido de os pais ajudarem os filhos e terem maior conhecimento. Algumas histórias também são compartilhadas por meio das ausências e dos silêncios.

Samy conta que não tem muitas memórias da infância, nem escolares e nem familiares, como se fosse uma parte da vida que passou, mas que ela não consegue retomar. Dessa forma, também não tem memórias de alfabetização: “A minha memória de infância, eu... Eu tenho poucos registros, assim, de memória, sabe. [...] Então eu não tenho muita memória da infância, mas acredito, assim, que tenha sido tranquila [a alfabetização], porque nunca reprovei, enfim... Sempre dei conta do recado” (Samy). Da mesma forma, Latóia não lembra muito da alfabetização. Acredita que tenha sido um processo relativamente fácil, pois não tem a impressão de ter vivido dificuldades.

Eu comecei o primeiro ano já reconhecendo as letras. Porque como eu tinha feito o Jardim e a minha irmã era mais velha e eu queria ir pra escola, essa lembrança eu tenho, porque meus irmãos iam e eu não, e eu queria ir. E assim, eu tive facilidade em aprender. Eu só não lembro o processo, enfim, mas eu sei que eu aprendi ler cedo (Latóia).

Greice, Lídia e Noeli não têm lembranças da alfabetização em si; quando perguntadas acerca deste processo, narram acontecimentos mais gerais: “Não me lembro muita coisa. [...] Ela tinha um controle bem bom. Tinha uns 30 alunos, mas ela tinha um bom controle. Ela tinha bastante firmeza, assim” (Greice). Da mesma forma, Lídia relembra alguns aspectos: “Eu lembro até da professora. Eu acho que eu tive facilidade, eu acho que [...] Foi bem tranquilo. Eu acho que como o pai e a mãe estavam sempre, também – e a

importância da família – apoiando, incentivando” (Lídia). Para Noeli, a alfabetização foi um tempo tranquilo: “Os professores eram bons, tínhamos uma turma boa, a gente era muito assim, de estudar mesmo, sabe. Sempre tivemos dentro de nós aquela vontade de saber ler, saber escrever. Estar mais por dentro das coisas. Nesse ponto, principalmente a mãe incentivava” (Noeli).

Estela foi alfabetizada em uma escola estadual primária; para a professora foi um tempo tranquilo. Deste tempo, guarda na memória uma lembrança especial, do dia em que ganhou um lápis por realizar com sucesso a proposta feita pela professora:

Lembro bem e um acontecimento, assim, que eu lembro que a profe mandou a gente colocar uma frase... Ela colocou uma frase no quadro e daí nós tínhamos que ir lá e mudar o sentido da frase, mudar a colocação das palavras e que ficasse o mesmo sentido. E eu lembro que eu ganhei um lápis preto porque eu fui rápido pro quadro e inverti os termos lá e o sentido ficou igual (Estela).

Ofélia tem uma peculiaridade em seu processo escolar: não cursou as séries finais do ensino fundamental. Alfabetizou-se e teve êxito no aprendizado das demais disciplinas no primário. Saiu-se tão bem no exame de admissão, que era feito ao final do primário para ingressar nas próximas séries, que as coordenadoras da escola entenderam que ela estava preparada para ingressar no que hoje chamamos de ensino médio. Considerando que a alfabetização, que a aprendizagem dos usos da língua escrita é um processo, a professora sentiu falta do que não teve. Conta que tinha muita facilidade, sabia escrever redações, inventar histórias. No entanto, não sabia usar a pontuação. No ensino médio, em uma das ocasiões de escrita, escreveu uma redação, sem pontuação como sempre fazia, e, ao final, colocou vários pontos e vírgulas, deixando um recado, ao final do texto, para a professora freira, que sempre deixava a redação “vermelha” com as inúmeras correções de pontuação: “Eu botei lá embaixo vírgulas, exclamação, interrogação... e escrevi ‘os que faltam, irmã, estão aqui’” (Ofélia).

Ao reconhecer que não sabia sobre pontuação e ao falar isso para a irmã-professora, Ofélia mostra uma iniciativa que provavelmente muitas alunas de sua época não teriam: a de conversar com o professor ou com a professora, um ser considerado superior e inquestionável. A menina Ofélia não gostava de ver seu escrito – seu – todo rabiscado de vermelho na tentativa de uma correção; correção com a qual ela não aprendia e não aprendeu. Aprendeu depois, com a atenção, com uma explicação simples da professora. As muitas correções anteriores em vermelho não disseram nada à pequena estudante, além do desgosto de ver riscado o seu escrito.

Destoando das demais professoras, Letícia nasceu em um ambiente letrado, muito próximo ao ambiente que a escola apresentaria a ela. Desde criança ouvia histórias contadas pela mãe, professora da pré-escola, e teve acesso a materiais impressos destinados a crianças. “Eu lembro da professora. [...] Eu lembro bastante dela. Pra cada letra ela fazia uma contextualização. Então eu consigo lembrar hoje das contextualizações das letras, é bem legal. E ela muito querida. Ela criou uma relação muito próxima com os alunos, muito afetiva” (Letícia). As lembranças afetivas desta interlocutora permaneceram; quando chegou na escola, criança, encontrou um ambiente muito familiar para ela.

4 Considerações Finais

Nas lembranças de alfabetização observa-se, nas narrativas, **ideias e ideais** que teriam facilitado, de acordo com o entendimento de algumas das interlocutoras, o sucesso da aquisição da língua escrita por parte delas: bom comportamento dos estudantes, vontade de aprender da turma, controle de turma por parte de uma professora alfabetizadora, vontade própria de saber e de ir além por meio do estudo. Muito do que mais tarde, provavelmente tornou-se algo a ser considerado como qualidade na experiência docente de cada interlocutora, foi destacado nas próprias lembranças de alfabetização.

As lembranças de momentos escolares, em quase todas as narrativas, envolvendo fatos que aconteceram depois do processo de alfabetização, formam o grupo maior das recordações relatadas. Latóia já conhecia as letras ao ingressar na escola – o mundo letrado existe, nascemos cercados dele, ainda que ele não se dirija diretamente a nós através de materiais infantis: manuseamos embalagens e o que mais chegar às nossas pequenas mãos infantis; dentre esses materiais, muitos podem ter impressos neles letras e palavras. Se temos irmãos mais velhos, temos acesso aos seus materiais escolares, como foi o caso desta interlocutora. Tateamos por conhecimento, por descobrir o por saber desde nosso nascimento, não seria diferente com a curiosidade sobre os mistérios da língua escrita.

A alfabetização acontece dentro da experiência escolar, então esses momentos que ficaram, foram experiências que *passaram* por cada professora que os narra. Houve narrativa de quem não tem **nenhuma lembrança** do período. Talvez um período que não tenha despertado afetos. Ou que tenha, por algum motivo, escolar ou não, despertado tantos afetos, que foi esquecido, guardado em algum local mais profundo da memória. De uma forma geral as **lembranças afetivas** permaneceram – do que foi bom e do que foi ruim:

do professor rígido, como contou Ivone, e da professora amorosa, como narrou Letícia. Lembranças particulares e marcantes, de momentos das séries iniciais que foram únicos para quem recorda: ganhar um presente por realizar com sucesso um desafio em forma de atividade escolar proposto pela professora, como contou Estela; ter um embate com a professora e ganhar de presente, por meio de uma explicação simples, efetiva e direta, um aprendizado, como recordou Ofélia. O que afeta fica. O que faz o coração bater mais forte, a respiração acelerar, toca no íntimo – seja esse afeto despertado pela admiração, pelo medo, pela raiva, pelo desafio motivador – segue marcado vida a fora.

Referências

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2016.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org). **Alfabetização no Brasil**: uma história da sua história. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011.

QUEIROS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Júlio Abreu (organizador). Global Editora: São Paulo, 2019.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1953.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa. **Recursos educacionais apropriados para recuperação lúdica do processo de letramento emergente**. R. Bras. Est. Pedag., Brasília, v. 92, n. 230, p. 148-165, jan./abr. 2011.

SOARES, Magda Bekcer. Letramento. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.